

HUMANIZAÇÃO E ÉTICA NA PROFISSÃO DOCENTE: TECITURAS NA PERSPECTIVA DE BAPTISTA, FREIRE E LÉVINAS

Me. Júlia Carolina Vizzotto De Conto  0000-0001-8912-9668

Universidade Federal da Fronteira Sul

Mônica Riet Goulart  0009-0001-1926-2065

Associação de Educação Franciscana da Penitência e Caridade Cristã

RESUMO: O processo de formação pessoal, social e profissional se dá ao longo da vida. Neste sentido, é fundamental que no espaço educacional possamos promover vivências e experiências autoformativas para o desenvolvimento da reflexão crítica sobre a prática da ética nas relações humanas, na profissão docente e na construção destes olhares nos espaços de humanização dos sujeitos. Para tanto, o artigo objetiva dialogar sobre a humanização e a ética na profissão docente, a partir da tecitura das perspectivas teóricas de Baptista (2005; 2011; 2012), Freire (1967; 1979; 1987; 1996; 2000; 2002; 2005) e Lévinas (1993; 2003; 2007). Por meio de uma abordagem qualitativa, a pesquisa se baseia em um estudo bibliográfico através da interpretação das obras dos autores mencionados, analisando como podemos ser éticos em nossas atitudes intrapessoais e interpessoais, e como é possível promover ações pedagógicas que oportunizem processos dialógicos e autoformativos. Os resultados apontam que a ética na profissão docente, com base na reflexão crítica, diálogo empático e cuidado com o outro, se configura como um processo de constante humanização.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização; Ética; Profissão Docente.

HUMANIZATION AND ETHICS IN THE TEACHING PROFESSION: TECITURAS IN THE PERSPECTIVE OF BAPTISTA, FREIRE AND LÉVINAS

ABSTRACT: The process of personal, social and professional training takes place throughout life. In this sense, it is fundamental that in the educational space we can promote experiences and self-formative experiences for the development of critical reflection on the practice of ethics in human in the teaching profession and in the construction of these looks in the humanization spaces of the subjects. Therefore, the article aims to dialogue about humanization and ethics in the teaching profession, from the weaving of the theoretical perspectives of Baptista (2005; 2011; 2012), Freire (1967; 1979; 1987; 1996; 2000; 2002; 2005) and Lévinas (1993; 2003; 2007). Through a qualitative approach, the research is based on a bibliographic study through the interpretation of the works of the authors mentioned, analyzing how we can be ethical in our intrapersonal and interpersonal attitudes, and how it is possible to promote pedagogical actions that provide opportunities for dialogical and self-formative processes. The results show that ethics in the teaching profession, based on critical reflection, empathic dialogue and care for others, is configured as a process of constant humanization.

KEYWORDS: Humanization; Ethics; Teaching Profession.



1 INTRODUÇÃO

O processo de formação pessoal, social e profissional se dá ao longo da vida. Assim, no contexto educacional, é fundamental promover vivências e experiências que estimulem a autorreflexão e a reflexão crítica sobre a ética nas relações humanas e profissionais. No que diz respeito a profissão docente, a humanização e a ética são elementos-chave que permitem a construção de olhares mais humanizados e a promoção de ações pedagógicas que favorecem o diálogo e a formação integral dos indivíduos.

Nessa perspectiva, a profissão docente constitui-se a partir de relações do Eu consigo mesmo, do Eu com o outro e com o mundo. Portanto é permanente a busca pelo significado de quem somos e para onde queremos ir. De acordo com Baptista (2005, p. 116): “[...] é preciso que saibamos desenvolver a capacidade de interrogação sobre o que se fizemos, porque o fizemos, como o fizemos e como o deveríamos ter feito”.

Assim, o desenvolvimento da ética por dentro da profissão caracteriza-se pela capacidade do coletivo à abertura ao diálogo e à reflexão sobre os dilemas que envolvem as relações humanas, frente às diferenças culturais, políticas e morais. Nesse sentido, o diálogo entre as pessoas, dá-se na relação rosto com rosto, nunca na direção da relação hierárquica e de dependência (Baptista, 2005).

O acolhimento do outro, diferente do meu Eu, exige a capacidade da escuta sensível e da empatia. Aprender a colocar-se no lugar do outro. Nesse viés, entende-se que a ética está ligada ao saber cuidar do outro.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é explorar a temática da humanização e da ética na profissão docente, utilizando as perspectivas teóricas de Baptista, Freire e Lévinas. Através de uma abordagem qualitativa, baseada em estudos bibliográficos e na interpretação das obras desses autores, busca-se analisar como podemos ser éticos em nossas atitudes intrapessoais e interpessoais, bem como promover ações pedagógicas que estimulem processos dialógicos e auto formativos.



2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ética e a moral são temas profundamente enraizados na antropologia, que percorrem diretamente todas as dimensões humanas, afinal, de uma forma ou de outra todas as pessoas se questionam sobre o seu modo de ser e agir e aspiram a um crescimento pessoal contínuo. É o que distingue humanos de seres irracionais, a habilidade humana de conscientização de examinar sua relação com o mundo e orientar seu processo de desenvolvimento (Baptista, 2011).

Baptista (2011) define a ética como a reflexão sobre os fundamentos e fins da ação, baseada na utopia do consenso humano em cada período histórico, envolvendo a articulação racional do bem e a especificação de prioridades na tomada de decisões e ações. Segundo a autora (2005, p. 21), “a palavra ética vem do grego (*ethos*)” e “corresponde, então, ao processo de articulação racional do bem, à sua especificação necessária nos diferentes patamares de decisão e ação” (Baptista, 2011, p. 8).

Por outro lado, para Baptista (2011), a moral refere-se à realização histórica da ética, enfatizando as dimensões normativas e imperativas da ação valorizadas pela tradição deontológica. É a realização prática de princípios éticos e envolve a determinação da qualidade moral baseada na boa vontade e no cumprimento do dever. Nessa perspectiva Baptista (2012) descreve o termo ética:

Recorde-se que o termo «ética» provém do grego (*éthè* - morada) e o termo «moral» derivado latim (*mores* - mos), mas os dois remetem para a ideia de hábitos e costumes, para o modo de ser, de estar e de agir que qualifica o comportamento dos indivíduos, dos grupos, das organizações e das comunidades. (Baptista, 2012, p. 39).

Neste sentido, para Baptista (2011; 2012), a ética está associada à perspectiva teleológica de Aristóteles, enquanto a moral está ligada à tradição deontológica inspirada em Kant:



Em *Ética a Nicómaco*, uma das obras mais emblemáticas da cultura ocidental, Aristóteles descreve o “bem” como “aquilo para que tudo anseia”, argumentando que o ser humano alcançará mais facilmente os seus propósitos se, tal como os arqueiros, souber apontar para um alvo claro e bem definido [...]. A ética corresponde, então, ao processo de articulação racional do bem, à sua especificação necessária nos diferentes patamares de decisão e acção. (Baptista, 2011, p. 8).

Para tanto, a autora aponta a distinção entre a ética e a moral, na perspectiva Kantiana:

A moral corresponde ao plano de efectivação da ética, com as suas normas, obrigações e deveres, associando-se desse modo à perspectiva deontológica de inspiração kantiana. Para Kant, só o exercício de uma vontade auto-determinada conduz a acções praticadas «por respeito ao dever» e não somente em «conformidade com o dever». (Baptista, 2012, p. 40).

No entanto, é importante ressaltar que a ética não é uma busca absoluta, mas sim um compromisso perseverante e exigente. Um desafio constante que requer uma mediação crítica entre diferentes perspectivas e uma busca constante por aperfeiçoamento. A educação desempenha um papel crucial nesse processo, capacitando as pessoas para uma vida ética e cívica (Baptista, 2011).

Nesse viés, Freire (1987, p. 42) enfatiza que os seres humanos são “seres que estão sendo, seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada”, e argumenta que “seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca” (Freire, 2000, p. 114). Esse processo educacional promove o compromisso ético e humano contribuindo para o aperfeiçoamento individual e coletivo.

Segundo Freire (2002), a humanização desempenha um papel fundamental na nossa vida cotidiana. Ela é, essencialmente, um tipo de diálogo que se manifesta como



um encontro cheio de empatia entre sujeitos. Através da humanização, é possível realizar transformações significativas nas vidas das pessoas, ou seja, para o autor a humanização é o meio pelo qual nos moldamos como seres humanos e o homem é uma pedra bruta que têm o potencial de se tornar uma joia preciosa através do processo de escolarização.

Nesse contexto, enfatiza-se que qualquer processo educacional deve começar com a compreensão que os indivíduos têm do próprio processo de humanização. Freire (2005) sugere que ao reconhecermos a humanização como o cerne da história, automaticamente estamos confrontando a desumanização que também está presente:

Constar essa preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. (Freire, 2005, p. 32).

Freire (1969) argumenta que reconhecer a presença histórica da desumanização não significa que ela seja inerente à natureza do ser humano. Pelo contrário, o autor acredita que a verdadeira vocação do ser humano é buscar sua própria humanização. O objetivo básico desta busca é visto como um imperativo existencial que deve ser concretizado.

Para Lévinas (2005, p. 149) a "ética, é o humano, enquanto humano e o único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao outro". Nesta concepção da ética, na qual o eu e o outro constroem uma interação, dimensiona-se a alteridade, um dos conceitos fundamentais postulado pelo autor.

Na compreensão de Lévinas, o outro provoca um movimento de autopercepção do eu, o qual gera uma ação relacional que só poderá se dar, se houver dois ou mais sujeitos. Assim, Lévinas (1980), descreve a relação com o outro:

A relação com outrem não anula a separação. Não surge no âmbito de uma totalidade e não a instaura integrando nela o Eu e Outro. A conjuntura do frente a frente já não pressupõe a existência de verdades universais, onde a subjetividade



possa incorporar-se e que bastaria contemplar para que o Eu e o Outro entrem numa relação de comunhão. A alteridade do Outro, aqui, não resulta da sua identidade, mas constitui-a: o Outro é outrem. (Lévinas, 1980, p. 229).

O movimento relacional entre os sujeitos respeita a subjetividade de ambos ao mesmo tempo, possibilitando instituir-se a alteridade. Ao colocar-se no lugar do outro, a experiência ética ganha espaço para manifestar-se e constituir novas vivências que poderão ampliar essa interação propiciada na ação humana.

Para tanto, a responsabilidade pelo outro evidencia também o ato da existência humana revelando o agir ético entre esses sujeitos. Sendo que a responsabilidade marcará a existência subjetiva do sujeito em sua relação consigo, com o outro e com a natureza, fazendo nascer um discurso ético, acolhedor e aberto às necessidades do outro dentro da relação e da própria experiência da alteridade.

Lévinas (2005) considera que somos responsáveis não só pelo outro, mas também pelo próximo. Nesta perspectiva, o sujeito não é somente um ser para si, ele é um ser para todos. Filosoficamente poderíamos afirmar que seria um ser que se inscreve no próprio rosto e constitui sua própria alteridade nesta jornada existencial.

Para Lévinas, o movimento que se manifesta entre o eu e o outro ao longo desta trajetória, implica:

[...] a responsabilidade pelo outro é efetivada antes mesmo de ser pensada, antes mesmo de ser consciência do sujeito. Isso implica que a responsabilidade é pautada pelo aspecto ético e contém em si mesmo um cunho de transcendência que comunica a promoção e defesa da vida do outro nas mais profícuas dimensões do existir. A responsabilidade pelo outrem significada como ordem no rosto do próximo. (Lévinas, 2005, p. 220).

E esse ato de responsabilizar-se pelo outro, agrega a ética do cuidado, possibilitando o protagonismo tanto do outro quanto do sujeito na construção de sua identidade. Referenciando a pluralidade, onde os sujeitos se constituem na contínua



experiência de fazer-se. Torna-se assim, um processo subjetivo e plural, na medida em que, se dá junto a um coletivo, valorizando as experiências nas várias instâncias da vida para promover espaços éticos e de humanização (Lévinas, 2005).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata de um estudo de natureza bibliográfica com base em uma abordagem qualitativa, caracterizada como teórico-reflexiva. Para seu embasamento teórico se valeu da análise de algumas obras de Paulo Freire: *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*; *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*; da obra de Baptista: *“Dar Rosto ao Futuro – A educação como compromisso ético”*; de Lévinas: *“Entre nós: Ensaio sobre a Alteridade; Humanismo do outro homem e Totalidade e Infinito”*.

Minayo (1994, p. 22), elucida que a abordagem qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Outrossim, esta pesquisa é caracterizada como teórica reflexiva. Para a elaboração deste estudo primeiramente foi realizado uma revisão de literatura, que segundo Severino (2018, p.122) “é aquela que se realiza a partir do registro disponível decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses, etc.” A partir desse embasamento teórico, foi possível realizar uma análise teórica reflexiva sobre a temática da humanização e da ética.

Conforme Lopes (2018, p. 14), “o caráter reflexivo da prática da pesquisa é algo natural (não há ciência sem reflexão) e o exercício da reflexividade é indispensável para criar a atitude consciente e crítica por parte do pesquisador quanto às operações metodológicas que realiza ao longo da investigação”.



4 TRILHAS DA HUMANIZAÇÃO E DA PROFISSÃO DOCENTE – REFLEXÕES E DISCUSSÕES

A trajetória da humanização e da prática docente é marcada por um complexo emaranhado de experiências, reflexões e interações que vão muito além das paredes das salas de aula. A busca pela humanização no contexto educacional não é um caminho isolado, mas uma jornada interconectada com valores éticos, filosóficos, e com olhar compassivo para o outro. A humanização na educação não se restringe apenas a uma dimensão técnica ou pedagógica; ela transcende as fronteiras da relação humana entre educadores e educandos. Diversos autores, cujas ideias ressoam nas práticas pedagógicas e na forma como se concebe o papel como educador, influenciam no debate do tema.

A condição humana, no que se refere à autoconstrução, nos leva a refletir sobre as questões que permeiam as possíveis trilhas formativas. Ao que diz respeito a autoconstrução pessoal, destaca-se em um primeiro momento a percepção de como as questões particulares se entrelaçam na interação com o outro.

Também é necessário perceber que esse processo pode evidenciar as memórias subjetivas que o sujeito não gostaria de compartilhar com o outro. Revela por outro lado que, nesta imersão de memórias e significados, o sujeito pode se recontar e se traduzir como pessoa em um constante movimento evolutivo.

Diante disto, refletimos sobre como as trilhas de humanização da profissão docente podem contribuir nos aspectos da formação dos educadores, nas relações éticas com os estudantes nos ambientes educativos. A partir dos estudos de Freire, Baptista e Lévinas, pode-se evidenciar como o currículo e as ações pedagógicas contribuem para a humanização da profissão docente.

A análise das perspectivas de Freire, Baptista e Lévinas permitiu compreender e refletir a respeito da ética e humanização na profissão docente, uma vez que seus estudos convergem para a formação ética e humanizada dos sujeitos.



O exercício de recontar-se e traduzir-se convida-nos a compreender que todo ser humano almeja a autoconstrução humana, abandonando padrões que os impeçam de alcançá-la. A formação ética dos sujeitos inicia nas primeiras experiências de vínculo familiar de amorosidade ou repulsa na vivência com o outro, delineando as relações interpessoais éticas.

Compreender a dimensão humana perpassa a própria evolução histórica, pois os registros da história nos fazem perceber que para aquele dado momento era necessário agir e ser daquele modo, contudo é na contemporaneidade que pensar sobre o que constitui o humano ganha maior significado.

Freire (1996) traz a perspectiva da educação como prática de liberdade. Uma pedagogia voltada para a liberdade conscientizada das situações vivenciadas pelo sujeito, ampliada pelo diálogo e pela dialética. Para o autor a educação é intrinsecamente ligada à humanização. Nessa perspectiva, o processo educativo envolve as relações do indivíduo com a realidade, por meio de atos de criação, recriação e decisão.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (Freire, 1979, p. 43).

Ao tratarmos da dimensão humana ou dos espaços que propiciariam essa humanização, percebe-se que necessitamos adentrar ao que constitui o indivíduo. Os processos existenciais revelam que traduzir-se ao longo da experiência humana, potencializa interações e vinculações afetivas que decorre da mediação entre os pares. Estarmos neste processo existencial nos mantém em busca de ser pessoas melhores e empreendermos ações que redesenhem a nossa forma de ser e estar no mundo.

A interação junto aos pares encontra aproximação com os conceitos postulados por Lévinas (1993) sobre a alteridade, o qual destaca a importância de um crescimento



peçoal, na medida em que nos colocamos no lugar do outro. Assim, Lévinas (1993) afirma que:

a alteridade obriga infinitamente, fende o tempo num entre-tempo intransponível: “o um” é pra o outro de um ser que se se desprende, sem se fazer o contemporâneo do “outro”, sem poder colocar-se a seu lado numa síntese, expondo-se como um tema; um-para-o-outro como um guardão-de-seu-irmão como responsável-pelo-outro (Lévinas, 1993, p. 87).

Para tanto, o eu e o outro se encadeiam em um processo que provoca o autoconhecimento, mediado pela interação com o meio, com a cultura e com a própria natureza humana. O estar sendo, em uma espiral evolutiva, nos remete cotidianamente a compreender o que somos e o que desejamos alcançar, contudo marcado pelo reflexo do outro e da condição existencial que optamos por percorrer na trajetória inter e intrapessoal.

Lévinas (1993), neste processo de autocompreensão do que somos e pretendemos nos tornar, revela que a relação ética também é um aspecto primordial e necessita um despojamento, para que não se conceba a relação com o outro, como posse ou poder sobre este. Assim,

reconhece-se a Ética. Neste contato anterior ao saber – nesta obsessão pelo outro homem – pode-se, certamente, distinguir as motivações de muitas de nossas tarefas cotidianas e de nossas altas obras científicas e políticas; mas, minha humanidade não entra na história desta cultura, que aparece propondo-se à minha assunção e que torna possível a própria liberdade deste assumir. O outro homem comanda, a partir do seu rosto – que não está encerrado na forma do aparecer – nu despojado de sua forma, desnudado de sua própria presença que o mascararia ainda como seu próprio retrato; pele enrugada, vestígio de si mesma, presença que, em todos os seus instantes, é uma retirada no vão (creux) da morte como uma eventualidade de não-retorno. A alteridade do próximo é este vão do não-lugar onde, rosto, já se ausenta sem promessa de retorno. (Lévinas, 1993, p. 15-16).

As relações éticas que nascem nos caminhos da humanização almejam de certo modo, fazer nascer este rosto com significado, com uma história e ela só poderá



acontecer por meio da vinculação com o outro, da ocupação deste não lugar e das experiências que serão construídas. Por isso, este processo de humanização, está entremeado ao longo da existência humana, ele não é finito, se institui principalmente na relação com este outro.

No entanto, necessitamos por outro lado, observar a experiência existencial para não nos colocarmos em um lugar que reduza o outro ao que intuimos ser o melhor, pois inviabilizaremos o crescimento do sujeito e do outro.

Ruiz (2008, p.138) corrobora o pensamento de Lévinas, ao afirmar que:

quando reduzimos o outro a uma categoria lógica negamos a possibilidade que ele possa ser diferente. Quando o outro é para mim um mero conceito, ainda que sejam os mais nobres como minha mãe, meu filho, minha esposa, meu amigo, etc., e os classifico a partir dessas categorias, eu estou negando-lhes a possibilidade de ser um outro diferente daquilo que eles são para mim. Ao classificar o outro numa categoria, lhe encerro numa identidade fechada pela qual o catálogo, o classifico e consequentemente o anulo. Ao reduzir o outro a uma categoria perpetuo contra ele um ato de violência. Ao reduzi-lo a conceito eu nego a alteridade do outro. A alteridade se realiza sempre de forma imprevisível e surpreendente e não se encontra sintetizada em nenhuma essência lógica ou de qualquer outro tipo, por isso ela não pode ser reduzida a conhecimento. O ser da alteridade é incognoscível porque é o único que está sempre por ser, que realiza seu ser para além de toda essência de qualquer sistema (Ruiz, 2008, p. 138).

Portanto, considerar a autoconstrução pessoal envolve para além dos rótulos, a compreensão que somos individuais, ao mesmo tempo que somos um ente coletivo. E que em uma relação ética a dinâmica da alteridade é possibilitada, de modo que promovemos a evolução das relações humanas e consequentemente de uma cultura humanitária, que terá influência decisiva nos espaços docentes e nos processos autoformativos. Lévinas (2005), reitera que:

o pensamento leva ao pensável, ao pensável chamado ser. Levando ao ser, ele está fora de si mesmo, mas permanece maravilhosamente em si mesmo ou a si retorna. A exterioridade ou a alteridade do si é retomada na



imanência. Aquilo que o pensamento conhece ou que em sua “experiência” ele apreende é, ao mesmo tempo o outro e o próprio do pensamento. Não se apreende aquilo que já se sabe e que se insere na interioridade do pensamento, à guisa de lembrança evocável, re-presentável. Reminiscências e imaginação asseguravam como que a sincronia e a unidade do que, na experiência submetida ao tempo, se perde ou está apenas por vir (Lévinas, 2005, p. 167).

É fundamental estarmos atentos ao desenvolvimento dos processos auto formativos, pois podemos influenciar de muitas formas a vida do outro, caso não façamos a opção por relações éticas e humanizadas. E, desta forma, há a tendência a repetir a história escrita por nossos antepassados, impedindo o sujeito da vivência do ser.

A ausência das relações humanizadas, todavia, podem impedir que a interioridade e a exterioridade do sujeito reescrevam novos caminhos, nos quais a educação alcance o seu real propósito. A educação deve ter como base o objetivo de emancipar sujeitos, tornar-se mais humana e ser capaz de provocar a rupturas de paradigmas.

A educação desempenha um papel crucial na formação de valores éticos e humanos. Através da educação, os indivíduos são expostos a diferentes perspectivas, conhecimentos e experiências que moldam a sua compreensão do certo e errado, do justo e injusto.

Baptista (2011) defende que a educação é um processo que permite aos indivíduos viverem de forma ética e cívica. Fornece-lhes as ferramentas necessárias para analisar e avaliar criticamente dilemas morais, tomar decisões informadas e agir de acordo com princípios éticos. A educação ajuda os indivíduos a desenvolverem um sentido de responsabilidade para com os outros, promovendo a empatia, a compaixão e o respeito pela dignidade humana.

A consciência de ser-presente no mundo, tal como descrita por Freire, está intimamente ligada ao reconhecimento de que não estamos sozinhos no mundo conforme cita Baptista (2005). A compreensão da interligação entre os seres e da existência da pluralidade, enfatiza a importância de estabelecer critérios éticos alinhados com a necessidade e o desejo de viver em comunidade com outras pessoas. Em sua reflexão,



Lévinas (2005) destaca a importância da responsabilidade ética em relação ao outro e do encontro humano, para tornar a educação humanizada e ética.

Freire (2005) enfatiza o papel da educação na humanização, que é o processo de tornar-se plenamente humano. Através da educação, os indivíduos são capacitados para refletir criticamente sobre as suas próprias experiências, questionar sistemas opressivos e participar ativamente na transformação da sociedade. A educação ajuda os indivíduos a desenvolverem um sentido de agência, autonomia e liberdade, permitindo-lhes moldar as próprias vidas e contribuir para o bem-estar do outro.

Considerando a perspectiva dos autores, as ações pedagógicas sustentadas a partir da compreensão de si e a interação com o outro podem promover os processos dialógicos. O contexto nos mostra que o sujeito se desenvolvendo ao longo da sua existência, encontrará em sua formação profissional um equilíbrio que permita interagir com o outro, respeitando as concepções éticas que promovam um estado de humanização voltado à superação dos conflitos que estão presentes nas relações do cotidiano.

Para Freire (1987) o sentido do ser racional “humano” é educar-se, o que ocorre no próprio processo de humanização. Isso revela o pertencimento ao coletivo e, por consequência, a autoconstrução que se dá respeitando a subjetividade do sujeito e as interações coletivas. A humanização se amplia quando os sujeitos compreendem a sua originalidade, e mediados pelos referenciais dos demais sujeitos do grupo, podem autoformar-se.

Baptista (2011) e Freire (1987) em suas aproximações teóricas apontam que a condição humana envolve o inacabamento originário, o reconhecimento da plasticidade do ser humano, a possibilidade de evolução positiva de aperfeiçoamento e a capacidade para atribuir um sentido para o processo, pois o homem é um ser em projeto, sendo assim, ele está sempre se aprimorando.

Torna-se necessário compreendermos que essa educabilidade se dá ao longo da existência humana, vinculada a busca pela perfectibilidade, como destaca Baptista (2011). Para o autor, uma vez que o homem educável tende ao autoaperfeiçoamento e a



educação deve potencializar o que cada pessoa pode ser ou deve ser, incitando-a a preservar sua originalidade e singularidade.

No que diz respeito ao processo de inconclusão, de inacabamento e na busca de tornar-se sujeito, as parcerias com a dimensão plural e coletiva, que envolve a escola, a universidade e a relação educando-educador. Nestes espaços, o educador deve assumir-se como corresponsável pelos direitos do outro, promovendo a aprendizagem dos deveres, contudo sem tomar para si, a vida destes educandos, respeitando o espaço do outro, instalando-se a compreensão ética destas relações.

Deste modo, as ações pedagógicas devem estar voltadas a estes espaços de discussões, nas quais o sujeito se percebe nesta autoconstrução e esteja inter-relacionado com as experiências e vivências do outro. É nesta leitura de mundo, entre a singularidade e a pluralidade que se estabelecem os processos auto formativos, resultando no avanço da própria humanização.

A escola ou a universidade, neste contexto, para além da construção cognitiva, necessita priorizar este espaço para o humano e os princípios éticos que marcarão as práticas pedagógicas bem-sucedidas. De modo a romper com os paradigmas atuais, que se acentuam em quase sua totalidade na ciência cognoscível, em detrimento dos aspectos socioemocionais que atentam para o cuidado de si e do outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões que procuramos tecer nesse estudo, podemos concluir que as ideias e conceitos de Freire, Baptista e Lévinas, destacam a importância da educação na formação ética e humanística dos sujeitos, promovendo valores como empatia, responsabilidade, autonomia e respeito pela dignidade humana.

No geral, os autores enfatizam que a educação não consiste apenas na aquisição de conhecimentos e competências, mas também na promoção de valores éticos e humanos. É através da educação que os sujeitos podem desenvolver uma compreensão



mais profunda de si mesmos, das suas relações com os outros e das suas responsabilidades para com a sociedade.

Ao refletirmos sobre os processos de humanização e sobre a ética na profissão docente é importante considerar os contextos educativos nos quais nos encontramos e a necessidade de priorizarmos políticas educativas que possam dimensionar os aspectos socioemocionais juntamente com a ciência cognoscível, principalmente no cuidado consigo e com o outro.

Esses sujeitos são responsáveis por fazer nascer espaços que privilegiem uma educação mediada pela dimensão subjetiva e plural, considerando a vivência nos espaços coletivos, como possibilitadores de transformação de ações pedagógicas voltadas à ética e a própria autoformação.

Os autores que sustentaram a tecitura proposta apontam para a importância de conceber o ser humano em seu processo de autoconstrução permanente. O homem está em constante evolução, visto que seu inacabamento permeia o seu processo de transformação ao longo da sua existência. E por meio da educação o processo auto formativo pode se constituir de maneira ética e humanizada. Neste contexto, as mudanças nas práticas educacionais podem potencializar esse processo de autoformação que possibilite o recontar-se e o traduzir-se de si e do outro.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, I. **Dar Rosto ao Futuro** – A educação como compromisso ético. Porto: Profedições, 2005.

BAPTISTA, I. Ética e Educação Social: interpelações de contemporaneidade. **Pedagogia Social**: Revista Interuniversitaria, Sevilha, n. 19, p. 37-49, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1350/135025474003.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.

BAPTISTA, I. **Ética, Deontologia e Avaliação do Desempenho Docente**. Ministério da Educação (1-58), Cadernos do CCAP – 3, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://edufor.pt/doc/Caderno-CCAP-3-ADD-Etica.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.



FREIRE, P. O Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**, Ano IV, nº 9, outubro, 1969, p. 123-132.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 9. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LÉVINAS, E. **Entre nós. Ensaios sobre a alteridade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LOPES, M. I. V. de. Reflexividade epistêmica na pesquisa empírica em Comunicação. **Conexão pós: diálogos e intersecções na pesquisa discente**. Tradução. São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em: https://www.eca.usp.br/sites/default/files/2021-05/conexao_pos_e_book.pdf. Acesso em: 07 set. 2023.

MINAYO, C. de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RUIZ, C. B. E. L. Alteridade & Alteridades – questões da Modernidade e a Modernidade em questão. In: SOUZA, R. T. de; FARIAS, A. B. de; FABRI, (Org.). **Alteridade e ética: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

Recebido em: 13-03-2024

Aceito em: 06-01-2025

